Assassino metido a esperto

1

O porteiro do Kilmarnock tinha quase um metro e noventa. Ele usava um uniforme azul-claro, e luvas brancas faziam sua mãos parecerem imensas. Ele abriu a porta do táxi Yellow com uma delicadeza que fazia lembrar uma solteirona acariciando um gato.

Johnny Dalmas desembarcou e virou-se para o motorista ruivo. Disse:

– Melhor me esperar ali no que vira a esquina, Joey.

O motorista fez que sim com a cabeça, enterrou um palito um pouco mais para trás no canto da boca e, com maestria, manobrou o táxi para longe da zona marcada de branco como sendo de carga e descarga. Dalmas deu alguns passos na calçada batida pelo sol e entrou no enorme saguão gelado do Kilmarnock. O carpete era alto, silencioso. Os carregadores estavam posicionados de pé, braços cruzados, e dois funcionários atrás do balcão de mármore tinham fisionomia austera.

Dalmas atravessou o saguão e dirigiu-se aos elevadores. Entrou num elevador decorado com lambri e disse:

– Fim da linha, por favor.

A cobertura tinha um saguão pequeno e silencioso que dava para três portas, uma em cada parede. Dalmas foi até uma delas e bateu na campainha.

Derek Walden abriu a porta. Ele tinha perto de quarenta e cinco anos, talvez um pouco mais, e bastante cabelo, levemente grisalho, um rosto bonito e gasto que estava começando a ficar flácido. Vestia um roupão com monograma bordado e trazia na mão um copo cheio de uísque. Parecia um pouco bêbado.

Falou com voz espessa, melancólica:

– Ah, é você. Vam'entrando, Dalmas.

Ele entrou de novo no apartamento, deixando a porta aberta. Dalmas fechou-a e seguiu Walden numa sala comprida, pé-direito alto, com uma sacada em uma extremidade e uma série de portas de vidro ao longo da parede à esquerda. Havia um terrraço do lado de fora.

Derek Walden sentou-se numa poltrona marrom com dourado que havia contra a parede e esticou as pernas, descansando os pés em um banquinho estofado. Fez o uísque rodopiar dentro do copo, observando o movimento.

– O que é que você tem em mente? – perguntou.

Dalmas olhou para ele um pouco enervado. Após um momento, respondeu:

– Passei por aqui para dizer que você pode pegar o seu emprego de volta.

Walden bebeu seu uísque e depositou o copo no canto de uma mesa. Remexeu em algumas coisas à procura de um cigarro, colocou-o na boca e esqueceu de acendê-lo.

– É mesmo? – sua voz estava pastosa mas indiferente.

Dalmas deu-lhe as costas e foi até uma das portas de vidro. Ela estava aberta, e um toldo batia ao sabor do vento ali fora. Mal se ouvia o barulho do trânsito na avenida larga.

Ele falou por cima do ombro:

– Não estamos chegando a lugar algum com a investigação. Isso porque você não quer que ela chegue a lugar algum. *Você* sabe por que está sendo chantageado. *Eu* não. A Eclipse Films está interessada porque eles têm um monte de grana aplicada em filmes que você fez.

– Que vá pro inferno a Eclipse Films – disse Walden, de modo quase inaudível.

Dalmas sacudiu a cabeça e virou-se para ele.

– Não do meu ponto de vista. Eles ficam sujeitos a perder muito se você se meter numa encrenca que os caras da publicidade não possam contornar. Você só me contratou porque eles pediram a você que fizesse isso. Foi uma perda de tempo. Você não cooperou com absolutamente nada.

Walden respondeu num tom antipático:

– Estou levando as coisas do meu jeito e não estou me metendo em nenhuma encrenca. Vou fechar a negociação nos meus próprios termos... quando eu puder comprar alguma coisa que não precise ser vendida no dia seguinte... E tudo o que você tem a fazer é convencer os caras da Eclipse de que a situação está sob controle. Fui claro?

Dalmas voltou parte do caminho que trilhara antes, até o meio da sala. Apoiou uma mão sobre uma mesa, ao lado de um cinzeiro completamente cheio de pontas de cigarro marcadas de batom – um batom de cor muito escura. Olhou de modo distraído para aquelas pontas de cigarro.

– Isso não tinha sido explicado para mim, Walden – disse ele num tom gelado.

– Pensei que você fosse inteligente o bastante para entender – disse Walden com um sorriso de menosprezo. Depois inclinou-se para o lado e jogou mais uísque dentro de seu copo. – Quer beber alguma coisa?

Dalmas disse:

– Não, obrigado.

Walden encontrou o cigarro que estava em sua boca e jogou-o no chão. Tomou um gole.

– Mas que inferno! – disse ele com um ronco. – Você é um detetive particular e está sendo pago para tomar alguns passos que não significam coisa nenhuma. É um trabalho limpo... considerando-se o seu ramo de negócio.

Dalmas disse:

– Eu podia ter chegado ao fim do dia sem ouvir essa.

Walden produziu um movimento abrupto, irritado. Seus olhos faiscavam. Os cantos de sua boca viraram para baixo e sua expressão mostrou-se contrariada. Ele evitou o olhar de Dalmas.

Dalmas disse:

– Não estou contra você, mas nunca estive do seu lado. Você não é o tipo de pessoa por quem o meu coração bate mais forte. Se você tivesse jogado do meu lado, eu teria feito tudo que estivesse ao meu alcance. Ainda vou fazer... mas não

por causa de você. Não quero o seu dinheiro... e, quando você quiser, pode mandar que parem de me seguir.

Walden pôs os pés no chão. Largou o copo com todo o cuidado sobre a mesa, na altura de seu cotovelo. Toda a expressão de seu rosto alterou-se.

– Seguir você?... Não estou entendendo. – Ele engoliu em seco. – Não mandei ninguém seguir você.

Dalmas olhou-o fixamente. Após um momento, aquiesceu com um gesto de cabeça.

– Muito bem, então. Eu vou seguir o próximo e vou ver se consigo fazer com que ele me diga para quem está trabalhando... eu vou descobrir.

Walden disse em voz muito baixa:

– Eu não faria isso se fosse você. Você... você está brincando com gente que pode ficar violenta... eu sei do que estou falando.

– Não vou deixar que isso me abale – disse Dalmas em voz firme. – Se essa é a gente que está atrás do seu dinheiro, eles ficaram violentos muito tempo atrás.

Ele baixou os olhos para seu chapéu, firme em suas mãos, à frente de seu corpo. O rosto de Walden brilhava de suor. Seus olhos tinham uma aparência doentia. Ele abriu a boca para dizer algo.

A campainha da porta fez-se ouvir.

Walden franziu a testa, irritado, e praguejou. Olhou para a porta, mas não se moveu.

– Gente demais aparece por aqui sem ser convidada – rosnou ele. – Meu mordomo japonês está de folga hoje.

Tocaram a campainha de novo, e Walden começou a se levantar. Dalmas disse:

– Eu vejo quem é. De qualquer modo, estou de saída.

Despediu-se de Walden com um gesto de cabeça, atravessou a sala e abriu a porta.

Dois homens entraram, empunhando armas. Uma das armas enterrou-se penosamente nas costelas de Dalmas, e o homem que a empunhava disse, em tom premente:

– Para trás, e rápido. Este é um daqueles assaltos que você lê no jornal.

Ele era moreno e bonito e cheio de vida. Seu rosto era claro como um camafeu, praticamente sem traços duros. Trazia um sorriso nos lábios.

O outro, atrás dele, era baixinho e tinha o cabelo amarelado, e franziu a testa, irritado. O homem moreno disse:

– Esse é o detetive do Walden, Noddy. Pode pegar ele e revistar. Com certeza está armado.

O homem do cabelo amarelado, Noddy, encostou um revólver de cano curto na barriga de Dalmas, enquanto seu parceiro fechava a porta com um chute para, em seguida, atravessar a sala como quem está passeando, indo ao encontro de Walden.

Noddy tirou um Colt 38 de baixo do braço de Dalmas, andou à volta dele e tateou-lhe os bolsos. Largou sua própria arma e transferiu o Colt de Dalmas para a sua mão boa de pontaria.

– Tudo certo, Ricchio. Este aqui está limpo – disse ele com uma voz murmurada, queixosa. Dalmas baixou os braços, virou-se e voltou para a sala. Olhou pensativamente para Walden. Walden estava inclinado para a frente, a boca aberta, uma expressão de intensa concentração no rosto. Dalmas olhou para o assaltante moreno e disse em voz muito suave:

– Ricchio?

O rapaz moreno olhou rapidamente para ele.

– Fique bem aí, do lado da mesa, meu amor. Aqui quem fala sou eu.

Walden produziu um som rouco no fundo de sua garganta. Ricchio estava parado à sua frente, olhando-o de cima para baixo com um jeito amistoso, sua arma balançando em um dedo pela alça do gatilho.

– Você é muito lento no pagamento, Walden. Lento demais! Então nós viemos aqui para lhe dizer isso. Também seguimos o seu detetive até aqui. Não foi bonitinho?

Dalmas disse de modo grave, em voz baixa: